



Longe de Casa, Perto do Lar: A Diasporização da Escrita de Anissa Mohammedi

Wellington Rogério da Silva¹

Em 1908, surge e adota-se na França pela primeira vez o termo “diáspora”, trazendo a carga de significados próprios aos sentidos relacionados à ideia de “dispersão”. Segundo Hafid Gafaïti (GAFAÏTI, 2005), a evolução da palavra, que até então se limitava ao clássico fenômeno judeu, resultou no registro do dicionário francês *Nouveau Petit Robert*, em 1994, que lhe confere significado ligado ao conjunto de membros dispersos, aplicando-se por outro lado aos povos ou grupos, tais como os armênios, os libaneses ou os chineses. Gafaïti em seu estudo então conclui afirmando que a “diasporização dos indivíduos e das culturas” redimensionaria a ideia do fenômeno diaspórico, pois este abrange a sua dimensão criadora e o seu poder de transformação. Assim, todo o processo de diasporização da cultura e da literatura francófona magrebina faz com que escritores contemporâneos, posteriores à década de 1990, promovam inicialmente uma migração do espírito denunciador de dimensão nacional, pois até então os movimentos literários no Magreb, sobretudo na Argélia, restringiam-se, e por razões que lhes eram peculiares, a movimentos nacionais pela união entre elaboração estético-literária e conteúdo político. Em um longo salto espaço-temporal, exemplificamos que esse seria caso da poetisa Anissa Mohammedi, que parece ver nas relações que movem o mundo atual um farto repertório, emergente para todos os povos. Um de seus livros, *Au Nom de ma parole*, foi escrito em 2003 e faz parte de uma pequena antologia escrita pela autora desde 2001. Este livro de poesia que não possui índice. Nele a autora apresenta vinte e quatro poemas, sendo que cada estrofe ocupa uma página do livro, uma vez que enumera os conjuntos, de um a vinte quatro. Isso nos levaria, porém, a pensar que cada

¹ Doutorando em Letras – Estudos Literários, UFJF.



estrofe é também um poema, que totalizariam quarenta e quatro, o que dá ao referido opúsculo maior movimento de leitura. De qualquer modo, a autora parece dar o sentido de continuidade a cada poema, pela repetição de cada primeiro verso, por exemplo, quando se trata de um conjunto de poemas. Assim, podemos nos deter a grupos de poemas e seus respectivos temas, tais como: “partir”, “Terra imortal” ou “overdose”. A ausência de uma ordem estrutural no texto permite ao leitor escolher, sequenciar, retornar. O conjunto parece fazer com que a palavra ou discurso sejam exaltados em um turbilhão de sentidos por ela evocados. A cada poema percebe-se ainda a dialética da construção do conhecimento pela poesia, em uma espécie de corrente que não quer se romper, pois em nenhum momento abandona o leitor, ainda que o provoque.

No primeiro conjunto, contendo três poemas, a poetisa parece querer capturar o seu leitor que por sua vez se misturaria com as “fibras” do “verbo” que por ora se apresentam: “par le risque/ et la dépossession/ Par l’exaltation/ et l’impulsion/ agrippez-vous/ aux fibres de mon verbe”.² Percebe-se então que o “risco” e a “desapropriação” pessoais seriam um primeiro passo (do leitor ou do “eu” lírico?) para se entrar no universo obsessivo das palavras ou do discurso que ao longo dos poemas pleiteia o trânsito pelas veredas do narcisismo: “Lorsque les discours narcissiques/ glonflent la jouissance cérébrale/ vos corps légers tremblent/ sous les lourdes sensations génésiques”.³ Além disso, esses verbos parecem evocar uma origem, da cultura ou da própria vida, por meio de sensações que o poeta chama de “genésicas”. Exaltando o desejo ao ponto máximo - o orgasmo - que por ser “extremo”, carrega a impossibilidade de ir às últimas consequências do seu grito, e o poeta aqui se lança na transformação do “nom” (nome) que se torna “non” (não), guardando em francês exatamente a mesma fonética e a diferença que só é vista pela escrita. Como no princípio da “différance, porta de entrada para o extenso universo derridiano, que nos conduz à leitura do texto literário como um projeto inédito e que só é visto pela própria escrita, o verso nos convida, ou ainda nos convoca a ver, a ler e a experimentar o “não” como signo da impossibilidade de completude do desejo (da palavra?). Adentrando o metapoema, tais versos exaltam a poesia, reivindicam a sua leitura, ainda que esta não apresente nenhuma solução de fato para o que a poetisa chama de *monde imonde* (mundo imundo): “Lorsque mon verbe/ ne

² Proposta de tradução: pelo risco/ e pela desapropriação/ Pela exaltação/ e o impulso/ sejam capturados/ pelas fibras do meu verbo.

³ Proposta de tradução: Quando os discursos narcísicos/ incham o gozo cerebral/ os seus corpos leves tremem/ sob as pesadas sensações genésicas



supportera plus/ l'orgasme extrême/ me yeux vous diront/ sans permission/ le non de ma parole."⁴ Desse *não* amplamente estampado, a poetisa tece no terceiro conjunto de poemas os primeiros vestígios de certo pessimismo que invadirá de algum modo os poemas que se seguirão: "L'overdose des mots/ à redresser le sourire des cavernes/ tu entendras le souffle de l'indifférence/ gémir sous l'étreinte de la plainte/ en forme de dépotoir."⁵ Assim, nos dois poemas que se seguem, a "overdose das palavras" dão lugar à "overdose do silêncio" e finalmente à "overdose do absurdo". Sem poupar o leitor, o único capaz de realizar os sonhos do poeta pela produção de leitura da sua escrita, os referidos poemas tornam cúmplices os que se aventuram ou que se capturaram pela leitura de um "eu" progressiva e impetuosamente incomodado com o exílio vivido pelo sujeito da contemporaneidade: "L'overdose du silence/ à exorciser la frénésie/ tu verras la nuit/ coupable du rêve/ abandonner ses étoiles/ en forme de flots."⁶ E finalmente no último poema do terceiro grupo: "L'overdose de l'absurde/ à basculer le sens/ tu seras l'enjeu/ des mots et du silence/ puis tu apprendras/ à devenir l'essor/ d'un instant inédit."⁷ Talvez a overdose do absurdo nos motive às apostas, sejam elas na palavra ou no silêncio: escolha individual. De qualquer maneira, a palavra que motiva o poeta é a mesma que nos incita a escrever este trabalho.

Referências

GAFIÏTI, Hafid. *La diasporisation de la littérature postcoloniale : Assia Djebar, Rachid Mimouni*. Paris, Harmattan, 2005.

MOHAMMEDI, Anissa. *Au nom de ma Parole*. Québec: Écrits de Forges, 2003.

⁴ Proposta de tradução: Quando o meu verbo/ não mais suportar/ o orgasmo extremo/ os meus olhos dirão/ sem permissão/ o não de minha palavra.

⁵ Proposta de tradução: A overdose das palavras/ a levantar o sorriso das cavernas/ tu ouvirás o sopro da indiferença/ gemer sob o abraço do lamento/ em forma de depósito de lixo.

⁶ Proposta de tradução: A overdose do silêncio/ a exorcizar a frenesi/ tu verás a noite/ culpada pelo sonho/ abandonar as suas estrelas/ em forma de fluxo.

⁷ Proposta de tradução: A overdose do absurdo/ a transtornar o sentido/ tu serás a aposta/ das palavras e do silêncio/ depois aprenderás/ a lançar-se/ em um instante inédito.